Aveiro, 11 de Novembro de 1961 + Ano VIII + Número 368

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA». R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

O ARMISTÍCIO de 1918

Considerações do

Tenente GONÇALO MARIA PEREIRA

Hoje, dia de São Martinho, completam-se quarenta e três anos sobre a data em que depuseram as armas todas as tropas que tomaram parte na primeira Grande Guerra, de 1914-1918, provocada pelos impérios centrais germano-austro-húngaros, que dela saíram derrotados.

Por dever de aliança, dignidade militar, política e patriótica — na salvaguarda do nosso património de aquém e de além-mar — fomos obrigados a combater ao lado das nações aliadas, que se opunham aos desígnios expansionistas e absorventes daqueles dois impérios.

Os esforços então feitos por nós, portugueses, em vidas e em dinheiro, ajudaram os nossos aliados a derrotar os inimigos. E não julguem os que o ignoram que foi pouco o sangue português vertido pela nossa causa, na França, em Moçambique, em Angola e no Mar. Segundo uns apontamentos que há pouco extraí do «Livro de Ouro da Infantaria Portuguesa», para completar este escrito, as baixas em campanha, só na Infantaria, foram: em França, 46 oficiais e 80 sargentos; em Moçambique, 28 oficiais e 83 sargentos; em Angola, 18 oficiais e 4 sargentos; nas três frentes, cerca de 10 000 cabos e soldados.

Não possuímos mais dados para saber ao certo as baixas havidas nas outras armas e serviços e nas marinhas mercante e de guerra; mas sabemos, no entanto, que elas também foram consideráveis. É reconhecido, porém, que o maior sacrifício coube à Infantaria. Assim tem sido sempre, desde que Nun'Álvares se fez seu patrono.

Semelhante ou proporcional esforço mais uma vez se está a dispender actualmente na defesa do nosso património angolano e goezano — e oxalá que ele não se estenda a qualquer ponto das outras nossas províncias espalhadas pelos quatro cantos do Mundo, aonde a nossa defesa permanece atenta e vigilante.

A minha humilde voz, escrita ou falada, já tem dito, por muitas vezes, que todo o nosso património nacional tem de ser defendido — custe o que custar — por todos os portugueses e por todos os meios, de modo a podermo-lo legar, intacto, aos portugueses que nos sucederem. Se para isso for necessário mais uma vez o meu contributo, que disponha de mim quem de direito, não para combater na frente, já que a minha idade e consequente aptidão física agora o não permitem, mas para substituir na rectaguarda qualquer mais novo que ali se encontre e seja mais necessária a sua presença na frente de combate. Assim, ainda poderei fazer alguma coisa. E, sem possuir delegação dos meus antigos camaradas de armas para falar por eles, creio que todos pensam como eu.

E já que o patriotismo dos que se bateram e se batem está insofismàvelmente posto à prova por quantos — nos momentos graves da Nação — lho tributam com todos os riscos e sem olhar a proventos, quero aqui frisar que o meu amor próprio de português se sente ferido: é que há outros portugueses que querem fazer desse vocábulo um monopólio só para si, na hora grave que atravessamos. Apodam de antipatriotas os comungantes de uma ideologia política que eu abracei e sigo, conscienciosamente, desde que para a luta pela vida se formou o meu espírito. Esse ideal é o da Democracia-liberal-cristã.

Do muito que tenho

Continua na página 3

CARTAS DE LISBOA

alinhavos

por GONÇALO NUNO

ESTAVA a alinhavar umas curtas linhas sobre o desaparecimento de Ramada Curto quando fui surpreendido pela notícia da morte de Alberto Souto.

Não fui capaz de continuar, porque a falar de Ramada Curto eu pensava em Alberto Souto. A mesma palavra rica e fluente que deixa de ouvir-se; a mesma pena válida que a Imprensa perde; a mesma cultura de sentido eclético; a mesma erudição — o mesmo grande, enorme humanismo.

Lisboa perdeu, sem dúvida, um dos seus mais dilectos filhos; Aveiro perdeu o seu.

POUCO depois da I Grande Guerra, Paulo de Mantegazza escreveu um livro em que analisou e debateu os problemas psíquicos consequentes desse post-guerra e a que chamou «O Século Nevrótico». Como classificaria hoje o mesmo autor esta preocupante e desvairada época em que vivemos?

A todo o momento estamos a detectar a dor, o sofrimento, a angústia e a tragédia do que se passa nos diferentes meridianos e, depois, natural-

Continua na página 4

O ACTUAL MOMENTO POLÍTICO

Realizam-se amanhã as eleições para deputados à Assembleia Nacional. Acto cívico de tão grande transcendência como ele deveria ser, certamente nos mereceria algumas considerações — serenas e isentas — que destinávamos precisamente a este lugar destacado do nosso jornal. Mas, na terça-feira, a Oposição anunciou a sua desistência de concorrer às urnas, por motivos já largamente divulgados; e pareceu-nos que, em tais circunstâncias, não teria pertinência nem utilidade quanto sobre o magno tema tencionávamos escrever. Por isso, nos limitamos, fiéis ao compromisso que oportunamente assumimos, a publicar alguns comunicados recebidos nesta Redacção.

De «Um Grupo de Nacionalistas»

Fomos à sessão de propaganda da União Nacional realizada em Aveiro, em que falariam alguns dos candidatos a deputados por ela propostos para a próxima Assembleia Nacional.

Marcada para as 21 horas, começou bastante depois das 22. Este longo e pesado intervalo de tempo, foi preenchido por música de discos e pelos repetidos convites aos Presidentes das Câmaras e das Comissões Concelhias da União Nacional, pouco dispostos uns e outros a irem ocupar o lugar que se lhes oferecia junto da Presidência. Era mais cómodo e mais anónimo ficarem perto dos seus convidados e amigos. Mas por fim, perante a insistência, que se tornou premente e coactiva, sempre se arrastaram até lá. A assistência estava manifestamente cansada. E não tardou que aqui e ali se notasse que um ou outro entrava francamente por um sono reparador. E foram estes, em verdade, os que lucraram alguma coisa vindo a esta sessão de propaganda.

Os candidatos pronunciaram os seus discursos, perante um desinteresse crescente.

Escritos, pensados, nada trouxeram de novo.

Continua na página 2

ELAS... E O «TOTOBOATO»!...

Desenho de ZÉ PENICHEIRO por deferência do «Notícias de Ovar»

CRÓNICAS ALEGRES

SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

GLUCAGON

98-55-08 é a expressão matemática e feia das escaldantes superbelezas que, em Cannes ou em Miami, em Capri ou no Haiti, anualmente disputam o ceptro da formosura internacional. O número que fica nas extremidades da fórmula obtem-se com relativa facilidade, acontecendo que até a criada de Zózimo logrou atingi-lo. Mas o do centro — aquele que dá o toque final às Vénus coleantes, adoçando-lhes, na fragilidade gostosa da cintura, a opulência do busto e dos ilíacos — é bem mais difícil de alcançar. Sabem-no perfeitamente as Brigittes da nossa terra, todas elas mais conseguidas pela exuberância piolhosa dos cabelos do que pela grácil economia do tecido adiposo; e sabem-no também as quarentonas que, divorciadas do queque e do rosbife, mantidas tristemente a couve e «magrocal», ambicionam penetrar na velhice com o ventre escorrido e liso da sexagenária Marlène.

Diz o meu sensato amigo Pedrosa que há uma coisa bem pior do que uma mulher gorda — e que essa coisa é, justamente, uma mulher magra. No entanto, ninguém quer ouvi-lo. E como os próprios homens, hoje, lêem com avidez as revistas de halterofilia e frequentam por cor-

Continua na página 7

O Actual Momento Político

Continuação da primeira página

Os candidatos não afloraram sequer um problema do distrito.

Revelaram-se até incapazes de fazer qualquer comentário ao pensamento político de Salazar.

Falta de preparação política, que não falta de inteligência, certamente. E todavia o simples homem da rua conhece certos problemas e deles sabe falar. Talvez porque os vive e sofre na própria alma e eles não.

Ora, um dos candidatos que foi deputado na anterior legislatura e nela brilhou por um silêncio uniformemente aprovativo, tem na sua própria terra um problema grave que a não resolver-se com urgência pode trazer consequências catastróficas. No mesmo dia em que ele falou tinham vindo a Aveiro grande número de interessados representar ao mesmo tempo que pedir ao Governador Civil toda a sua influência para que fosse dada solução justa ao inquietante problema que os trazia até ele.

Pois o candidato não disse uma só palavra sobre o caso. Nada tinha escrito sobre ele e o homem, fora do papel, tartamudeia simplesmente.

Demais, não é industrial nem operário. É burguês antes de tudo e é chefe político da sua terra, com assento na Assembleia Nacional.

E os outros que se governem!...

Ora foi este candidato, amaneirado, preciosista no vestir e no dizer, — tudo aquilo foi estudado ao espelho, — que se meteu connosco. E ainda bem, porque, sem contagem nas urnas, ele verificou, ali mesmo, o seu insucesso, a sua clamorosa derrota.

Quis ser irónico e foi simplesmente chocarreiro.

Quis ter graça e fez chorar de pena.

Não esqueçamos que o auditório era constituído por homens dos concelhos que ali vieram pelas suas funções ou por amizade e dependência para com os chefes locais. Devia-lhe ser por isso mesmo totalmente favorável. E ele contava com isso. A verdade, porém, é que tudo lhe saiu ao contrário. Quando ele carregou mais um pouco e suspendeu a leitura, olhando a fito a chamar aplausos, teve de verificar o silêncio reprovador daquela gente ordeira e pacífica que só ama a verdade, que sabe ouvi-la, que sabe dizê-la, nada lhe interessando biscas de arlequim. Porque a meia dúzia de palmas, curtas, breves, isoladas, mais fizeram salientar a condenação que o auditório lhe impunha. Os nacionalistas ficaram ali mesmo vitoriosos. E não foi preciso fazer a contagem, tão volumosa foi a maioria mesmo entre os que faziam honra à Presidência.

A própria voz do candidato acusou a derrota.

Foi diminuindo de tom. — Tornou-se mais pastosa e tartamudeante.

E, por fim, este caricatural sucedâneo de Acácio, caminhou apressadamente para o seu lugar, ofegante e rubicundo.

E todos nós sentimos que os seus mortos se revolveram nos túmulos com tal deselegância e tal desaire. Mas houve quem pensasse que o que se ouviu foi o ruído causado pela pedra que caiu do Castelo de Santa Maria da Feira.

Mas depois deste candidato estava anunciado outro (lemos isso nos jornais) que teríamos o maior prazer em ouvir.

Foi grande por isso a nossa surpresa quando vimos que o Presidente da mesa ia encerrar a sessão. É que quando apareceram as bicadas, logo um de nós ficou disposto a rebatê-lo ali mesmo, se o Ilustre Presidente da mesa o autorizasse a usar da palavra. Pensou-se que era melhor falar sòmente depois do último. Mas foi daquele que fizeram o último e tudo ficou sob o signo dos Belchiores.

Seria uma coisa bonita de ver-se e de contar-se. Assim, ninguém veio contar nada...

As palavras ali proferidas não tinham vida íntima, criadora e comunicante. Eram simplesmente ar batido. Todos pois saíram da sessão, que durou apenas uma hora e pouco, silenciosamente, de braços caídos, de alma sem esperança.

Os próprios vivas que se ouviam de vez em quando, eram rouquejo de qualquer disco. Salazar saberá que é desta maneira que é vitoriado?

Como faz pena ver que é assim que lhe gastam o nome, estes tais, que nem lhe assimilam os princípios, nem politicamente se conduzem dentro das regras que se impôs de isenção e de sacrifício! Mas do seu próprio sacrifício falaram os três candidatos que ouvimos.

Estes sujeitos ilustríssimos confundem tudo.

Falam de sacrifício, quando são chamados ùnicamente para dizer apoiado e muito bem.

Falam de uma posição de frente quando o seu lugar é da rectaguarda e còmodamente sentados.

Mas nesta hora, conclamam eles, em que a Pátria precisa de todos os seus filhos, não podíamos negar-nos a aceitar o lugar que a União Nacional nos indicou!!...

E o engenheiro candidato falou, mas não nos disse nada sobre qualquer assunto para que estivesse tècnicamente preparado.

E o candidato médico falou, mas nada nos disse de concreto sobre previdência, assistência, saúde pública, que são as coisas que tocam ao seu ofício.

E o recandidato advogado falou, mas também nada nos disse sobre os deveres e os direitos do homem na comunidade Nacional, nem ao menos como se passa de seareiro para a União Nacional ou como se devem tratar as vacas, repetindo o que já disse em discursos eleitorais de há anos.

E todavia há tanto que dizer, tanto que reclamar, tanto que exigir!

E não nos digam que queremos o impossível.

Nós somos os que não discutimos Deus, nem a Pátria, nem a Família. É desta trilogia que nós partimos para as nossas exigências salutares e dignificadoras.

Não ignoramos Deus.

Não dividimos a Pátria.

Não combatemos a Família.

Nós queremos que a terra não escravize o homem que nela trabalha.

Nós queremos que o Chefe de família, agricultor ou operário, não sinta a sua fome multiplicada pela fome de seus filhos.

Nós queremos que toda a família tenha casa e que todo o homem possa realizar-se moral e socialmente, pela certeza de uma economia básica considerada suficiente.

Nós queremos, não o arremedo de uma política social, mas uma autêntica reforma social informada pela letra e pelo espírito das Encíclicas Sociais.

Nós queremos que os dinheiros da Previdência e do Desemprego sejam aplicados aos seus fins e não funcionem à maneira de Bancos de Estado.

Nós queremos a eliminação de certos organismos estatais com os seus orçamentos astronómicos que assombram o orçamento do próprio Estado e que são mais sanguessugantes que coordenadores.

Nós queremos um Imposto progressivo sèriamente e justamente aplicado.

Nós somos contra a capitalização das empresas pela garantia dada pelo Estado à produção, sem benefício para os operários e com prejuízo para os consumidores.

Nós somos contra o desembarque de Ministros e outros políticos influentes, em bancos e companhias majestáticas, sem preparação especial e sòmente por favor e interesse político.

Nós queremos o Estado livre de pressões e influências plutocráticas.

Nós queremos uma lei de Imprensa, ainda que apertada e rígida e não a censura condicionada por conveniências raramente coincidentes com o interesse Nacional.

Nós queremos que seja respeitada a letra e o espírito da Constituição. Defendemos os direitos da pessoa humana. Queremos por isso, não uma ordem imposta, mas sim uma ordem criada pela vida. Defendemos uma revolução de baixo para cima, — uma revolução que situe o homem nas exigências da sua dignidade de filho de Deus e só depois o edifício social se eleve e engrandeça sem limites.

Primeiro o homem, não escravo, mas econòmicamente livre, e depois, sim, a multiplicação da riqueza, para que o homem se torne em cada dia mais livre.

Nós somos anticomunistas, mas em sentido totalmente diferente da burguesia capitalista. Não é o medo que nos leva a esta posição. Somos anticomunistas porque queremos o homem livre no seu corpo e na sua alma. Somos anticomunistas por amor à Pátria, à liberdade e ao património espiritual que recebemos e devemos legar íntegro se não puder ser acrescentado. — Queremos apagar as labaredas de cólera onde há laivos de justiça e de misérias gritantes.

Queremos trabalho e pão, casa que encha, que abrigue, que defenda e que a vida se encontre e se ame.

Queremos caminhos, Igrejas, Escolas, electricidade e água.

Só assim haverá paz e alegria de viver tornando-se a Pátria a terra bendita de todos os Portugueses.

E tudo isto é possível.

E tudo isto é devido.

Retardar a sua realização é chamar sobre todos as catastróficas consequências de uma Justiça permanentemente ofendida e violada.

Porque o nosso Deus, é o Deus que vê, que ouve e que fala.

Um Grupo de Nacionalistas

De «Um Grupo de Católicos»

Cumprida a missão que, como intérpretes da consciência cristã dos eleitores do Círculo de Aveiro, realizámos junto dos Candidatos a Deputados à Assembleia Nacional pelo nosso Distrito, vimos, por este meio, comunicar o resultado de tal intervenção.

Começamos por agradecer as respostas recebidas, testemunhando, sensibilizados, o interesse que os ilustres destinatários demonstraram pela nossa atitude, e a legitimidade que, dum modo geral, lhe reconheceram.

Lamentamos não poder transcrever, na íntegra, os depoimentos que nos chegaram às mãos, garantindo, no entanto, que os resumiremos com lealdade e citaremos as passagens indispensáveis, sem repetições escusadas nem omissões preconcebidas.

Os Candidatos da Oposição Democrática aproveitaram mesmo a oportunidade para publicar a sua resposta, tanto na Imprensa diária como num manifesto que foi profusamente espalhado, permitindo tal circunstância que a nossa comunicação se possa fazer sem precisar de transcrever a referida resposta.

Respostas dos Candidatos da União Nacional

Cinco Candidatos da União Nacional responderam individualmente, penhorando-nos sobremaneira a simplicidade e a clareza com que o fizeram.

Os Ex.^{mos} Snrs. Drs. Paulo Cancela de Abreu, Manuel Tarujo de Almeida, Artur Alves Moreira e Eng.º António Gonçalves de Faria declararam, em síntese, que aceitavam plenamente os Princípios Sociais Cristãos e que, uma vez eleitos Deputados, defendê-los-iam e tentariam aplicá-los com toda a sua convicção e usando de todos os meios legais ao seu alcance.

O Ex.^{mo} Snr. Dr. Manuel Homem Ferreira não se limitou a prometer total adesão aos Princípios apresentados, mas teve a gentileza de recordar que, no exercício das suas funções na Assembleia Nacional, já o demonstrou de modo concreto, uma vez que interveio em assuntos relacionados com tais Princípios, nomeadamente com os números 1, 2 e 6. Pena foi que houvesse esquecido a sua infeliz e significativa actuação quando votou conscientemente contra a emenda constitucional que pretendia incluir o Santo Nome de Deus na Constituição que nos rege, negando assim — e de modo indiscutível — o número 10 destes Princípios.

O Ex.^{mo} Snr. Dr. Belchior Cardoso da Costa não respondeu até esta data, ultrapassando assim todos os prazos que as interpretações mais benignas lhe concediam. Lògicamente, interpretamos este silêncio como discordância, conforme os termos precisos da nossa carta.

Resposta Colectiva dos Candidatos da Oposição Democrática

Os Candidatos da Oposição Democrática responderam colectivamente, dentro do prazo prèviamente estabelecido. Não se limitaram a definir a sua atitude, como Deputados, perante os Princípios Sociais Cristãos, mas foram mais longe e não sou-

Continua na página 7

Aniversário dos «Bombeiros Novos»

A benemérita e prestante Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» vai comemorar, em 30 do corrente mês de Novembro, e ainda em 2 e 3 de Dezembro próximo, o o seu 53.° aniversário.

O programa das comemorações encontra-se já elaborado, dele constando os seguintes números:

Dia 30 de Novembro

A's 7 horas — Hastear da bandeira, com formatura do Corpo Activo.

Dia 2 de Dezembro

A's 19.30 horas — Jantar de confraternização, no Restaurante Galo d'Ouro, por inscrição, entre sócios, simpatizantes e amigos dos «Bombeiros Novos».

Dia 3 de Dezembro

A's 8.45 horas — Hastear da bandeira, com formatura do Corpo Activo; *às 9 horas* — na igreja paroquial da Vera-Cruz, missa de sufrágio pelos bombeiros, benfeitores e sócios falecidos, seguida de romagem de saudade aos cemitérios da cidade; *às 11.30 horas* — no quartel-sede, sessão solene comemorativa da 53.° aniversário.

*

A Banda Amizade toma parte das cerimónias do dia 3 de Dezembro. As inscrições para o jantar encontram-se abertas no quartel-sede dos «Bombeiros Novos», até o dia 30 do corrente mês.

Sessão de Propaganda promovida pela União Nacional

A União Nacional promoveu, na passada quarta-feira, no Teatro Aveirense, nova sessão de propaganda, em Aveiro, dos candidatos que formam a sua lista.

Presidiu o sr. Dr. Joaquim de Pinho Brandão, tendo pronunciado discursos, pela ordem que indicamos, o sr. Arquitecto Sérgio Gonçalves, Presidente da Comissão Concelhia de Espinho da U. N., e os srs. Dr. Manuel Homem de Albuquerque Ferreira e Dr. Manuel Tarujo de Almeida — ambos candidatos a deputados.

A encerrar a sessão, falou o sr. Dr. Joaquim de Pinho Brandão — e a assistência, em coro, cantou o Hino Nacional.

Assembleias Eleitorais

Para as eleições de deputados que amanhã se realizam em todo o País, funcionarão, no concelho de Aveiro, a partir das 9 horas, as seguintes assembleias de voto: *Aradas* — sede da Junta de Freguesia; *Cacia* — sede da Junta de Freguesia; *Eirol* — sede da Junta de Freguesia; *Eixo* — sede da Junta de Freguesia; *Esgueira* — Casa do Povo; *Taboeira* — Escola; *Glória* — Paços do Concelho; *S. Bernardo* — Escola; *Vilar* — Escola; *Nariz* — Escola; *Oliveirinha* — sede da Junta de Freguesia; *Costa do Valado* — Escola; *Requeixo* — Escola; *Mamodeiro* — Escola; *Póvoa de Valado* — Escola; *Vera-Cruz* — Escola; e *S. Jacinto* — Escola.

Quem perdeu?

Lista, referida ao período de 1 a 31 de Outubro, de objectos e valores achados na via pública e entregues na Secretaria do Comando da P. S. P. de Aveiro, onde se entregam a quem provar que os mesmos lhe pertencem:

Uma turquês; uma gabardine de senhora; um retalho de pano; uma coleira própria para canino; uma argola com chaves; uma bicicleta de homem; e uma boina de plástico.

Movimento da Lota

O valor do peixe vendido na lota de Aveiro, durante o passado mês de Outubro, foi de 3 201 830$00, sendo 2 962 171$00 apurados pelas traineiras; 201 596$00 provenientes da pesca do alto; e 38 065$00 de outras procedências.

A traineira que mais pescou foi a «Praia da Atalaia» com 209 531$00, proveniente da venda de 3 215 cabazes, seguida da «Sever», com 203 710$00, para os seus 3 405 cabazes.

Alameda de Esgueira

A Junta de Freguesia de Esgueira vai reparar convenientemente, como aliás se impõe, o aprazível e belo local da Alameda 31 de Janeiro, plantando novas árvores.

Movimento Nacional Feminino

Movimento do mês de Outubro

Donativos recebidos:

Da cidade	3 201$50
De Salreu	558$50
De Fermentelos	238$00
De S. Bernardo	545$50
De Águeda	290$00
De Esmoriz	2 174$20
Da Gafanha da Encarnação	2 005$90
De Sangalhos	61$00
De Macieira de Cambra	1 107$50
De Sever do Vouga	656$20
De Famalicão (Anadia)	290$00
De Avanca	307$00
De Castelo de Paiva	63$00
Do Pinheiro da Bemposta	50$00
Do Monte (Murtosa)	625$00
De Eirol	296$40
Donativo da Costa do Valado	20$00
Donativos vários recebidos na D. Distrital	598$80
	12 987$00

Subsídios concedidos 12 120$00

«Campanha do Natal»

Continua em marcha a a nossa Campanha do Natal. Dentro em poucos dias acabará o prazo de recepção de donativos para as encomendas de Natal para os nossos soldados.

Mas a Campanha não terá então acabado. As famílias privadas dos rapazes que em terras portuguesas do Ultramar cumprem orgulhosamente o seu dever de portugueses, e a muitos dos quais devemos em parte a tranquilidade com que iremos viver o Natal deste ano não podem ser esquecidas.

Contamos com a boa vontade de todos para nos ajudarem a fazer-lhes sentir a nossa simpatia e o nosso carinho.

Ficamos, pois — ou melhor — continuamos à espera...

Visita do Comandante-Geral da P. S. P.

Esteve no Comando da P. S. P. desta cidade, em 30 do passado mês de Outubro, o sr. Brigadeiro Fernando de Oliveira, Comandante-geral da Corporação.

Depois de percorrer todas as instalações e de se inteirar do funcionamento dos serviços policiais, o sr. Brigadeiro Fernando de Oliveira mostrou-se verdadeiramente encantado com o que lhe fora dado presenciar, declarando que toda aquela boa organização evidenciava o espírito de colaboração entre o Comandante Distrital da P. S. P., sr. Capitão Alves Moreira, e todos os seus subordinados.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MOURA
Domingo	CENTRAL
2.ª feira	MODERNA
3.ª feira	A L A
4.ª feira	M. CALADO
5.ª feira	AVEIRENSE
6.ª feira	SAÚDE

O Armistício de 1918

Continuação da primeira página

observado sobre o que vai por este conturbado Mundo de Cristo, durante os já longos anos da minha vida, ainda não descortinei melhor forma de governar os povos do que a que se baseia nos princípios da tolerância, da bondade e do perdão. E a Democracia, bem praticada e bem aceite, contém todas aquelas virtudes e muitas outras a elas semelhantes. Até contém a do patriotismo, sem faltas, qualidade essa de que alguns outros portugueses — embora poucos, é certo — não deram provas em outros momentos de perigo para a Nação.

Os verdadeiros portugueses em tempo algum negaram os seus sacrifícios à Pátria, sempre que ela lhos reclamou. Assim tem acontecido e assim há-de continuar a ser, para bem da nossa independência como Nação livre. Mais vale morrer de pé, do que sobreviver apátrida.

Em 1914-1918 sacrificámo-nos, uns mais de que outros embora, cumprindo cada um a missão que lhe foi confiada, e a Pátria salvou-se. Hoje, a geração que nos sucedeu está também suportando semelhantes sacrifícios pela mesma causa da independência nacional.

O que de todo o coração mais desejamos aos nossos irmãos de armas, que tão heròicamente e sacrificadamente estão hoje a defender o que é nosso em terras de além-mar, é que o sacrifício em vidas seja proporcionalmente inferior ao que foi o nosso há mais de quatro décadas e que os que escaparem da luta com vida — oxalá sejam muitos — regressem em breve e em paz ao convívio dos seus entes queridos, com a satisfação orgulhosa do dever cumprido.

Parece-me que é a isto que se chama patriotismo. O resto, em alguns, embora poucos, não será mais do que fogo de vistas.

Gonçalo Maria Pereira

«Operação Stop»

A exemplo do que se tem feito noutras cidades, o Comando Distrital da P. S. P. levou a efeito, no passado dia 1, a denominada «Operação Stop», que decorreu desde as 6 até às 13 horas. As viaturas inspeccionadas foram em número que ultrapassou o milhar.

As brigadas policiais, que se colocaram em todas as saídas da cidade, apenas instauraram quatro autos de transgressão por ilegalidade de documentação e apreenderam uma bicicleta nova, por o seu condutor não ter conseguido provar que ela lhe pertencia.

Roubo de um cofre

Audaciosos gatunos penetraram no «stand» de vendas da firma Francisco Piçarra & C.ª L.da sito na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, e levaram de lá um cofre, com as dimensões de 50×50 cms. que continha aproximadamente 5 500$00. Os larápios penetraram no edifício depois de haverem, com um serrote, cortado os caixilhos de uma das janelas.

Carta de Lisboa

Continuação da primeira página

mente, os nervos e as coronárias é que pagam. Queiramos ou não, o Mundo faz a sua rotação sideral em frente dos nossos próprios olhos, dentro da nossa própria casa, mostrando-nos todas as suas facetas e fazendo-nos partilhar todos os seus problemas. Não há alheamento possível, que as máquinas da civilização encarregam-se de nos servir os manjares noticiosos das mais diversas maneiras e por vezes até sàdicamente. E sofre-se e vibra-se e vamos todos morrendo um pouco mais depressa em cada dia.

Triste mundo este que todos querem salvar!

Razão tinha Almada Negreiros quando há 20 ou 30 anos escreveu isto:

«Foram já ditas todas as frases que hão-de salvar a Humanidade. Só falta uma coisa: salvar a Humanidade».

D*ESSES ecos efervescentes que a Imprensa e a Rádio diàriamente nos trazem do que vai pelo Mundo, o problema da França é dos tais que me dá um sabor de desânimo. O dilema angustioso em que se debate, traz consigo um espectáculo de desagregação e de inconsistência que me confrange e que pode abalar, se é que não abalou já, o seu prestígio europeu, exactamente na altura em que ela parecia predestinada a ser — e podia sê-lo — o fulcro duma Europa revigorada e prestigiada, o elemento aglutinante de que a nossa querida Europa tanto carece.*

Nem eu sei já desde quando existe em mim este amor a essa França que é, afinal, um pouco a segunda Pátria de todos nós — homens da Latinidade.

Talvez desde o momento em que a minha sensibilidade despertou para as coisas de Arte; talvez desde o momento em que tomei contacto com a sua Literatura; talvez, até, desde o momento em que pela primeira vez, adolescente ainda, senti um frémito interior com os acordes empolgantes de «La Marsellaise». Sei lá desde quando! Aceito esse amor como produto espontâneo de um aglomerado de factores e circunstâncias a que não é estranha a admiração pelo seu «génie» e para que contribui a própria musicalidade do seu idioma.

Vendo-a hoje a debater-se com tão graves problemas, dando o flanco às críticas a apupos, esmaecendo o brilho com que tantas vezes iluminou o Mundo — eu não posso ficar indiferente. A própria Latinidade perde fulgor.

A França, «La douce France» dos nossos bancos da escola, envolve-me. Tenho-a aqui na estante dos meus livros, nos «souvenirs» de viagem, na recordação doce de tudo o que lá vi e vivi e guardei para sempre. Tenho a França dentro de mim.

Lisboa, 7 de Novembro de 1961

Gonçalo Nuno

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje — *As sr.as D. Maria Ermelinda de Melo Picado Osório, esposa do sr. Dr. Augusto de Mendonça Sá Osório, e D. Joana Robalo, esposa do sr. Jeremias da Conceição; o sr. António Fernando Marcela Santos; e as meninas Maria de Lourdes Pereira Campos Amorim, filha do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, Maria Regina Sobreiro, filha do sr. Arquitecto Júlio Sobreiro, e Maria Adélia Rodrigues de Figueiredo.*

Amanhã — *As sr.as D. Maria José Carvalho da Cunha, esposa do sr. António Marques da Cunha, e D. Virgínia Marques Roque, esposa do sr. Albino Roque, ausente em Luanda; a menina Maria Teresa da Silva Coutinho, filha do sr. Alberto Rodrigues Coutinho; e Manuel Alberto e António Júlio Gamelas Simões Vieira, filhos do saudoso João Vieira.*

Em 13 — *As sr.as D. Alice Duarte Marques, esposa do sr. António Marques, e D. Maria da Piedade Marques, esposa do sr. Fradique da Bárbara; e os srs. Bernardo Marques dos Santos, Mário de Melo e Silva, aveirense ausente nos Estados Unidos da América do Norte, e Sargento-ajudante da Armada Manuel Andrade de Carvalho.*

Em 14 — *As sr.as D. Ausenda Testa, D. Preciosa Soares França, esposa do sr. Elói da Silva Gomes, e Deolinda Vagos Justiça, esposa do sr. José da Silva Justiça, aveirenses ausentes em Nova Lisboa (Angola); os srs. José de Oliveira, ausente na cidade da Beira (Moçambique), e António Augusto Alves Azevedo Novo; e a menina Maria José de Figueiredo Soares, filha do sr. Zeferino Augusto Soares.*

Em 15 — *A sr.a D. Olímpia Ferreira dos Santos, esposa do sr. João dos Santos; e o sr. Manuel Gamelas.*

Em 16 — *A sr.a D. Ester Lebre Amaral Fartura Pereira, esposa do sr. Severiano Pereira; os srs. Capitão João António Ferreira Fernandes, João Mota e Manuel Ângelo da Silva Lemos; e as meninas Maria Eneida Lopes Brites, filha do sr. Tenente João Baptista do Amaral Brites, e Branca Clara Agualusa de Sousa Rebocho, filha do sr. Carlos Eugénio Correia de Sousa Rebocho.*

Em 17 — *As sr.as D. Clotilde Correia e Silva, esposa do sr. Tenente Natividade e Silva, e D. Generosa Andias Limas, esposa do sr. Francisco Limas; os srs. Tenente-coronel Evangelista Oliveira Barreto, João Firmino Dinis Gonçalves, furriel-miliciano ausente no Estado da Índia, e o conhecido «volante» Francisco Augusto de Quadros Vidal Corte-Real Pereira.*

Agradecimento

Em vias de franco restabelecimento da prolongada doença que me atormentou e na impossibilidade de agradecer pessoalmente desde já a quantos se dignaram honrar-me com a sua presença, visitas, cartas, telefonemas ou telegramas em que demonstraram desvanecedor interesse pela minha saúde, bem como à Imprensa local e diária que formulou amáveis votos de cura — a todos agradeço tão sinceras, espontâneas e bondosas provas de imerecida deferência.

Pedindo licença para a ofensa que faço à modéstia dos profissionais que me assistiram na grave enfermidade, patenteio pùblicamente o meu indelével reconhecimento ao médico sr. Dr. Artur Alves Moreira, que me tratou com toda a proficiência do seu muito saber e com toda a dedicação de que é capaz a sua conhecida generosidade, ao distinto radiologista sr. Dr. Luís Eduardo Ramos e ainda aos competentes e devotados enfermeiros srs. José dos Santos Silva, António Barroso Cajus e Manuel Aires de Oliveira.

Aveiro, 10 de Novembro de 1961

David Cristo

FORÇA AÉREA
Base Aérea N.º 7
CONSELHO ADMINISTRATIVO
Fornecimento de Géneros

Faz-se público que se encontra aberto, até o dia 30 de Novembro, concurso para fornecimento de géneros, mercearia, pão, carnes, peixes, vinhos e azeites.

Os concorrentes deverão enviar a este Conselho Administrativo, em carta fechada e lacrada, até às 16 horas do dia indicado, propostas para o fornecimento dos referidos géneros.

O fornecimento será pelo período de três (3) meses, a contar do dia 11 de Dezembro.

O Caderno de Encargos encontra-se patente, neste Conselho Administrativo, todos os dias úteis, das 9 às 15 horas, excepto aos sábados.

Base em S. Jacinto, 6 de Novembro de 1961

O Presidente,

Domingos Belo

Cap. pil. av.

HOMENAGEM A UM NOVO ADVOGADO

No decurso de um jantar efectuado no último sábado no Restaurante Galo d'Ouro, foi homenageado pelos seus conterrâneos e amigos o sr. Dr. Arlindo Ferreira Lopes de Almeida, antigo aluno do Liceu de Aveiro, natural da Gafanha da Nazaré, que recentemente concluiu a sua licenciatura em Direito, na Universidade de Coimbra.

Muito modesto, mas altamente considerado e respeitado por quantos o conhecem, o novo advogado encontrou à sua volta, na festiva reunião com que o homenagearam, muitas dezenas de amigos e conterrâneos.

Na mesa de honra, além de familiares do sr. Dr. Arlindo Lopes de Almeida, viam-se os srs. Prof. Salviano Conde, António Alves Júnior, Dr. Flávio Sardo e Alferes Carlos Alberto Martins; e os oficiais náuticos srs. Ricardo Sardo, Cap. António Ferreira da Silva e Cap. Juvenal Carlos Filipe.

No momento próprio, e em calorosos e expressivos brindes, diversos oradores felicitaram o sr. Dr. Arlindo Lopes de Almeida — pondo em merecido relevo as suas qualidades de carácter e a sua brilhante carreira de estudante liceal e universitário.

Pelo sr. Carlos Lau, foi ainda entregue ao novo causídico uma lembrança, alusiva à sua formatura.

Visìvelmente emocionado, o Dr. Arlindo Lopes de Almeida agradeceu a homenagem de que fora alvo e prestou público preito de gratidão a seus pais — por todos os sacrifícios feitos para que ele pudesse concluir o seu curso.

Na gravura — O sr. Dr. Arlindo Ferreira Lopes de Almeida, quando agradecia a homenagem de que foi alvo

Pela Legião Portuguesa

Centro de Estudos Político-Sociais

Para recomeço das suas actividades o Centro de Estudos Político-Sociais da Legião Portuguesa de Aveiro, reune-se, no próximo dia 15 do corrente mês, pelas 21.30 horas, para houvir uma comunicação do sr. Dr. José Cerqueira de Vasconcelos sobre «*Uma revisão da História: Não foi a verdadeira França que fez a Revolução*».

Poderão assistir à palestra todas as pessoas interessadas.

Técnico de Rádios

Precisa-se, em regimen livre ou horário completo.

Possibilidade de estágio numa das maiores organizações portuguesas do ramo.

Informa-se nesta Redacção.

Falecimentos

Pedro de Almeida

Em 17 do passado mês de Outubro, faleceu o sr. Pedro de Almeida, que deixou viúva a sr.ª D. Deolinda Rosa e era cunhado dos srs. João da Cruz Cravo Júnior, João Gonçalves Andias, António Gonçalves Andias, Manuel dos Santos Gamelas, Bruno Ferreira e José Deus da Loura; e irmão da sr.ª D. Gavina de Almeida.

D. Maria de Jesus Gaspar Salomé

Em 24 de Outubro, na sua residência da vizinha vila de Ílhavo, faleceu a sr.ª D. Maria de Jesus Gaspar Salomé.

A saudosa extinta, que contava 75 anos de idade, deixou viúvo o sr. Carlos Augusto Salomé, e era mãe do sr. Manuel Orlando Salomé, Director de Finanças do Distrito de Aveiro; sogra da sr.ª D. Maria Alice de Freitas Salomé; e avó das estudantes universitárias Maria Laura e Maria da Graça Freitas Salomé, da menina Maria Manuela Freitas Salomé e do menino Carlos Manuel de Freitas Salomé.

D. Virgínia Limas

Em Vilar, com 70 anos, faleceu, em 26 do mês findo, a sr.ª D. Virgínia Limas.

A saudosa extinta era mãe do sr. Firmino Andrade Soares Cadete; sogra da sr.ª D. Madalena Mónica; e irmã das sr.ªs D. Elvira de Sousa e D. Maria do Carmo Limas.

José Simões dos Santos

No Alboi, faleceu, em 29 de Outubro, o sr. José Simões dos Santos, que deixou viúva a sr.ª D. Deolinda Rosa de Jesus; e era pai do sr. António de Almeida e das meninas Armanda e Maria Manuela de Jesus dos Santos.

Francisco Luís Pereira

Na penúltima quinta-feira, dia 2 de Novembro, faleceu o conhecido pintor cerâmico sr. Francisco Luís Pereira.

O saudoso finado deixou viúva a sr.ª D. Carolina Lopes Pereira; era irmão da sr.ª D. Maria da Glória Sarabando; cunhado dos srs. Manuel Matos Sarabando, e Manuel, Américo e Floriano da Silva; e padrinho dos srs. Jeremias Ventura Pereira, Carlos Alberto Pereira e Manuel Pereira.

D. Maria José da Silva

No domingo, dia 5, faleceu, na Beira-Mar, com 74 anos de idade, a sr.ª D. Maria José da Silva.

A bondosa senhora era mãe da sr.ªs D. Maria da Silva Graça, D. Apresentação da Silva Costa e D. Felicidade da Silva Santos e dos srs. Guilherme José e Armindo José dos Santos; irmã do sr. José da Silva; e tia do sr. Alfredo Ferreira da Costa Santos, Administrador do *Litoral*.

Manuel dos Santos Novo

Na segunda-feira, dia 6, em Aradas, faleceu o sr. Manuel dos Santos Novo. O extinto contava 87 anos de idade e era pai das sr.ªs D. Libânia de Jesus Pedro, e D. Crisanta, D. Rosa e D. Conceição dos Santos Novo, e dos srs. Manuel, Joaquim, Albino e Anacleto dos Santos Novo.

Às famílias enlutadas os pêsames do LITORAL

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que pelo 1.º Juízo da Comarca de Aveiro e 2.ª Secção de Processos, encontram-se uns autos de execução de sentença que o Banco Nacional Ultramarino move contra António Lourenço, solteiro, maior, proprietário, residente na Palhaça, desta Comarca, onde correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos do executado, para nos dez dias posteriores ao dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos.

Aveiro, 17 de Outubro de 1961

O Chefe de Secção,
João Alves

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Vila Nova

Litoral ★ Aveiro, 11-11-1961 ★ N.º 368

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Pelo 1.º Juizo de Direito da Comarca de Aveiro, 2.ª Secção de Processos, correm seus termos uns autos de execução por custas, que o Ministério Público move contra os executados *Morgado & Pinho, L.da* e outros, e, nos mesmos autos, foi designado o dia 22 de Novembro próximo, pelas 11 horas, para arrematação em 1.ª praça e à porta do Tribunal, pela maior oferta obtida acima do valor matricial de 108 864$00 do seguinte:

PRÉDIO

Casa de r/c, quintal e demais pertenças, sita na Rua de D. Jorge de Lencastre, freguesia de Vera-Cruz, desta cidade, que confronta do Norte com herdeiros de João Lopes, Sul com referidos réus, Nascente com Carlos Gomes Teixeira e Poente com herdeiros de Malaquias de Pinho das Neves, inscrito na matriz predial urbana no art.º 586, descrito na conservatória respectiva sob o n.º 44 723 a fls. 65 v.º do L.º B-117.

Aveiro, 25 de Outubro de 1961

O Chefe da 2.ª secção,
João Alves

VERIFIQUEI:
O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Vila Nova

Litoral — Aveiro, 11-XI-1961 — N.º 368

D. Ana Ferreira Marques

Agradecimento

A família de D. Ana Ferreira Marques vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se associaram à sua dor e a quantos se incorporaram no funeral da saudosa extinta.

Aveiro, 7 de Novembro de 1961

Dr. Alberto Souto

Agradecimento e Missa do 30.º Dia

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de agradecer individualmente a todos as pessoas que lhe apresentaram condolências, vem por este ÚNICO MEIO manifestar-lhes o seu profundo reconhecimento pela forma como acompanharam este doloroso transe e convidar para a missa que será rezada no próximo dia 23, pelas 12 horas, na Igreja do Outeirinho — Verdemilho.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA ÚLTIMA PÁGINA

FUTEBOL

Belenenses — Beira-Mar

que propiciou longos períodos de monotonia ao desafio.

Explicamo-nos por outras palavras.

Dando clara ideia dos seus desígnios — defesa porfiada do seu último reduto e ataque conduzido em jeito de fugas (Paulino e Diego seriam os seus arietes) — o Beira-Mar perfilhou um sistema de autêntico ferrolho.

Marçal foi para defesa direito, Evaristo ficou às «deixas» de Liberal, e Jurado actuou entre Liberal e Moreira, este destacado para policiar Yaúca.

No sector intermediário, Amândio tinha a companhia de Miguel e Chaves.

O Beira-Mar, teimosamente, manteve-se dentro do sistema que vimos de esquematizar, um verdadeiro colete de forças que impedia os seus elementos de jogarem aberto e, consequentemente, de tentarem a sua *chance*, de dizerem uma palavra na discussão do resultado...

Os aveirenses quase não atacaram — e a verdade é que tiveram, assim mesmo, alguns soberanos ensejos de golo, de que recordamos: aos 5 m., uma autêntica perdida de Diego, ainda com o marcador em branco; e, aos 23 m., um *tiro* de Chaves, a forçar José Pereira a uma intervenção brilhante, *in-extremis*, depois do lance mais claro e organizado dos dianteiros beiramarenses.

E — pareceu-nos — o reduto defensivo dos azuis, que sempre esteve em vantagem numérica ante o duo de atacantes dos negro-amarelos, não respira força, nem é dos que inspiram plena confiança, quando posto à prova...

●

Actuando desacompanhado pela sorte do jogo, o Beira-Mar — segundo pensamos — veio a ser vítima da táctica que utilizou; ou, melhor ainda: veio a ser vítima da táctica que teimou em utilizar...

Efectivamente, e na modesta opinião de quem escreve estas linhas, os beiramarenses cometeram um grande e palmar erro não abandonando o ferrolho logo após o 0-2. Havia, então, tempo de sobra — bastante mais de uma hora! — para se recuperar o atraso, pois, repetimos, nunca o Belenenses mostrou capacidade para fàcilmente resolver a sorte do jogo, caso ele viesse a ser disputado de igual para igual.

É óbvio que, em toada aberta, o prato da balança poderia pender para o grupo lisboeta. Mas... deixá-lo! O Beira-Mar teria cumprido a sua obrigação, teria — como se lhe impunha — procurado remar contra a maré, teria tentado a sua *chance*...

Pois não é evidentíssimo que — vistas bem as coisas — perder por 0-2 vem a ser o mesmo que perder por qualquer outro mais desnivelado *score*?...

●

Nomes em evidência: Yaúca, Castro, Livinho e Cordeiro, no Belenenses; e Evaristo, Paulino, Marçal e Moreira, no Beira-Mar.

●

O árbitro pecou pelo deslize atrás referido (validação do golo de Estêvão) e ainda porque — ao longo de toda a partida, evidenciou nítida propensão para beneficiar o grupo da casa. E, com ele, os seus auxiliares...

REGISTO

Da II Divisão Nacional

Mercê da primeira derrota do Boavista — ante uma Oliveirense que alcançou o seu primeiro triunfo —, o Feirense passou para o comando da Zona Norte, já que os restantes componentes do trio dos segundos (Espinho e Sanjoanense) saíram derrotados dos prélios que efectuaram na Marinha Grande e nas Caldas da Rainha.

Outros apontamentos da ronda. O único visitante a conseguir pontos foi o Castelo Brando, que empatou em Vila Real, pois em todos os outros prélios prevaleceu a vantagem de se jogar «em casa». Deixou de haver grupos invictos, depois dos inêxitos do Boavista e do Espinho.

Resultados do dia: *Vianense, 2-Torriense, 0; Braga, 2-Peniche, 0; Oliveirense, 1-Boavista, 0; Marinhense, 1-Espinho, 0; Caldas, 2-Sanjoanense, 0; Vila Real, 0-Castelo Branco, 0; e Feirense, 3-Cernache, 1.*

Classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	5	4	—	1	17- 8	8
Boavista	5	3	1	1	6- 3	7
Espinho	5	2	2	1	11- 6	6
Braga	5	3	—	2	10- 6	6
Marinhense	5	2	2	1	7- 5	6
Sanjoanense	5	3	—	2	11- 9	6
Caldas	5	2	2	1	6- 8	6
Vianense	5	2	1	2	5- 5	5
Torriense	5	2	1	2	2- 3	5
Peniche	5	1	2	2	9- 8	4
C. Branco	5	1	2	2	5- 9	4
Vila Real	5	1	1	3	4- 9	3
Oliveirense	5	1	1	3	2- 8	3
Cernache	5	—	1	4	7-12	1

Jogos para amanhã — *Torriense-Feirense, Peniche-Vianense, Boavista-Braga, Espinho-Oliveirense, Sanjoanense-Marinhense, Castelo Branco-Caldas* e *Cernache-Vila Real.*

Das Provas Distritais

I DIVISÃO

Na ronda que assinalou o reatamento, assistimos a duas desforras — da Ovarense e do Arrifanense — e a três êxitos renovados — do Lusitânia, do Lamas e do Estarreja.

Assim, no topo da tabela classificativa, continuam emparceirados os grupos de Lourosa e de Ovar.

Marcas do dia:

OVARENSE, 2 - CUCUJÃES, 0
LUSITÂNIA, 7 - CESARENSE, 1
ARRIFANENSE, 4 - RECREIO 1
V.-ALEGRE, 1 - LAMAS, 3
ESTARREJA, 1 - ESMORIZ, 0

Mapa da classificação:

	J.	V.	E	D.	Bolas	P.
Lusitânia . .	10	7	2	1	38 16	26
Ovarense . .	10	7	2	1	29-17	26
Arrifanense .	10	7	-	3	45-22	24
Lamas . . .	10	6	2	2	30-15	24
Recreio . . .	10	3	3	4	24-20	19
Cucujães . .	10	3	3	4	14-24	19
Esmoriz . . .	10	3	1	6	12-29	17
Estarreja . .	10	3	-	7	9-31	16
Vista - Alegre	10	2	1	7	19-24	15
Cesarense .	10	1	2	7	6-28	14

RESERVAS

Resultados do dia: *Ovarense, 7-Cucujães, 1; Vista Alegre, 2-Lamas, 3; Oliveirense, 4-Feirense, 1; Beira-Mar, 1-Espinho, 1;* e *Alba, 5-Sanjoanense, 2.*

Tabelas classificativas:

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Ovarense. . .	6	4	1	1	20- 6	15
Lamas	6	3	1	2	13-11	13
Cucujães. . .	6	3	-	3	15-16	12
Vista-Alegre .	6	1	2	3	4-15	10
Arrifanense. .	5	1	2	2	6-13	9
Lusitânia* . .	5	2	-	3	10- 8	8

* *Tem uma falta de comparência*

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense .	5	3	-	2	16- 9	11
Beira-Mar . .	4	2	1	1	11- 8	9
Feirense . . .	4	2	1	1	9-10	9
Sanjoanense .	4	2	-	2	7- 7	8
Alba	5	1	1	3	14-21	8
Espinho . . .	2	-	1	1	2- 5	3

Jogos para amanhã — Espinho-Oliveirense e Sanjoanense-Alba.

JUNIORES

Resultados do dia: *Oliveirense, 6-Espinho, 2; Sanjoanense, 4-Arrifanense, 0;* e *Recreio, 1-Beira-Mar, 0.*

A partida *Estarreja-Ovarense* não se realizou, por falta de policiamento — tendo sido averbado o triunfo ao grupo vareiro.

Classificações:

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	3	2	—	1	10-6	7
Sanjoanense	2	2	—	—	10-2	6
Arrifanense	3	1	—	2	4-7	5
Feirense	2	1	—	1	4-7	4
Espinho	2	—	—	1	2-8	2

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Recreio	3	3	—	—	5-1	9
Ovarense	3	1	—	2	0-6	5
Beira-Mar	2	1	—	1	4-1	4
Anadia	2	1	—	1	8-3	4
Estarreja*	2	—	—	2	1-7	1

* *Tem uma falta de comparência.*

Jogos para amanhã — Arrifanense-Feirense, Espinho-Sanjoanense, Ovarense-Anadia e Beira-Mar-Estarreja.

XADREZ DE NOTÍCIAS

No jogo que disputou no passado domingo, em Aveiro, com o Sporting de Espinho, o Beira-Mar utilizou os seguintes elementos — Teixeira; Gandarinho e Carlos Alberto; Girão. Lourenço e Sarrazola; Carlos Júlio, Ruano, Correia, Calisto e Ramiro.

A partida, que terminou com 1-1 no marcador, contava para o Campeonato Distrital de Reservas. Correia obteve o tento dos beiramarenses, e Calisto falhou um penalty.

A Associação de Andebol de Aveiro abriu inscrição, até o dia 30 de Novembro corrente, para o Campeonato Regional (variante de onze jogadores).

A Direcção do Beira-Mar leva amanhã a efeito o primeiro «Dia do Clube» da presente época. Sabe-se, também, que o Sporting desloca a Aveiro uma enorme falange de apoio.

Em jeito de «espiões», estiveram no Estádio Municipal do Restelo, no passado domingo, a assistir ao jogo Belenenses — Beira-Mar, os conhecidos desportistas Fernando Caiado, treinador-adjunto do Benfica, e Germano, stopper dos campeões europeus.

Goraram-se as negociações que vinham a ser mantidas entre o futebolista Bártolo e o Beira-Mar.

A Associação de Futebol de Aveiro faz interromper, amanhã, a disputa do Campeonato Distrital da I Divisão. Os encontros da undécima ronda realizam-se no dia 19.

A turma de juniores que o Beira-Mar apresentou em Águeda, no passado domingo, e perdeu (0-1) com o Recreio, tinha a seguinte constituição: Artur; Américo, Virgílio e Alfarelos; Arménio e Lemos; Barreto, Alfredo, Coutinho, Santos e Vitor.

No passado domingo, num desafio de futebol entre grupos populares arbitrado pelo sr. Eduardo Manuel Neves Fernandes, a equipa de Eixo venceu, por 3-0 o team de Azurva.

Eis a formação triunfadora: Catarino; Silva, Magalhães e Américo; Moreira e Tita; Armando, Valentim, Amaro, Viriato e Amador.

O conhecido ciclista António Catela, que representava o Sangalhos e se encontra a cumprir serviço militar em Angola, escreveu-nos recentemente, informando-nos de que vai ingressar na turma de ciclismo do Sport Luanda e Benfica.

Para dirigir, amanhã, o jogo Beira-Mar-Sporting foi designado o árbitro Abel da Costa, do Porto. O árbitro aveirense Carlos Paula foi destacado para o encontro Vitória de Guimarães-Leixões. A sexta jornada do Campeonato Nacional da I Divisão tem, além das indicadas, mais as seguintes partidas: Benfica-Belenenses, Lusitano-Académica, Porto-Covilhã, C. U. F.-Salgueiros e Atlético-Olhanense.

Basquetebol

campo e converteram 4 lances livres em 12 tentados (33,33 %), e foram punidos com 16 faltas pessoais.

Os cucujanenses conseguiram 8 cestas de campo e transformaram 3 lances livres em 18 tentativas (16,66 %), sendo castigados com 14 faltas pessoais.

Esgueira, 39 - Sanjoanense, 38

Jogo em Aveiro, no Campo da Alameda, sob arbitragem dos srs. Manuel Neves e Albano Baptista.

ESGUEIRA — Ravara, João Calisto, Vinagre 5-3, César 1-2, Virgílio 7-5, Américo 4-2, Raul 6 4 e José Calisto.

SANJOANENSE — Manuel Maria 2-0, Tavares 2 0, Mário, Manuel Pinho 14-14, Aureliano 2-2, Edmundo 2-0, Armando e Daniel.

1.ª parte: 23-22. 2.ª parte: 16-16.

Os esgueirenses alcançaram 15 cestas de campo e transformaram 9 lances livres em 24 tentativas (37,5 %), sendo castigados com 14 faltas pessoais.

Os sanjoanenses obtiveram 18 cestas de campo e converteram 2 lances livres em 16 tentados (12,5 %), e foram punidos com 1 falta insanável, 3 faltas técnicas e 14 faltas pessoais.

A classificação geral está assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sangalhos	5	5	—	—	233-132	15
Esgueira	5	4	—	1	186-175	13
Galitos	5	3	—	2	213 162	11
Illiabum	5	3	—	2	185-166	11
Sanjoanense	4	2	—	2	160-143	8
Amoníaco	5	1	—	4	158 202	7
Recreio	5	1	—	4	118 172	7
Cucujães	4	—	—	4	118-192	4

A próxima jornada

Galitos — Sanjoanense, em Aveiro; *Cucujães Recreio*, em Cucujães; *Illiabum — Esgueira*, em Ílhavo; e *Sangalhos — Amoníaco*, em Sangalhos — todos esta noite, pelas 22 horas.

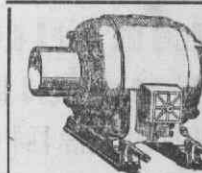
★

O encontro *Cucujães — Sanjoanense*, da jornada inaugural, efectua-se na próxima quinta-feira, dia 16.

BEIRA-MAR — SPORTING

turma cheia de experiência e recheada de bons valores individuais, e que só poderão ser contrariados se os aveirenses envidarem esforços, se não se inferiorizarem e se capricharem em chegar primeiro à bola.

Resta-nos desejar que a arbitragem seja honesta, e que não se deixe impressionar — como tantas vezes acontece — com o nome poderoso dos leões de Alvalade...

E. DIAS

O Actual Momento Político

Continuação da segunda página

beram ou não quiseram estar à altura do tema em causa e da isenção das nossas intenções.

Começaram por confundir lamentàvelmente os nossos nomes com os possíveis signatários duma lista a que se deu o nome de «Terceira Lista», e manifestaram uma solidariedade que nos poderia comover se nos pertencesse. Assim, devolvêmo-la aos seus verdadeiros destinatários.

Não contentes com esta primeira infelicidade, puseram em dúvida o envio da nossa carta aos Candidatos da União Nacional, quando nos tínhamos situado, desde o início, numa atitude de completa imparcialidade, como a Imprensa portuguesa pode claramente confirmar.

Embora parecesse legítimo não encontrar na introdução dos Candidatos da Oposição Democrática mais motivos de estranheza, sentimos ter de apresentar mais um, e este, já não fruto duma confusão mais ou menos censurável, mas sim proveniente duma «lição» mal aprendida e pèssimamente dada.

Escreveram designadamente: «*do ponto de vista político, dizerem-nos que o País é católico é o mesmo que dizerem-nos que ele é latino*»; e: «*Foram católicos o Conde Andeiro e o Mestre de Avis; Miguel de Vasconcelos e D. João IV; os miguelistas e os liberais. E nem por isso foram menos adversários no plano da política! Deixemos assim que o País seja católico como é latino ou marítimo, e voltemo-nos para o que importa.*»

Quer isto claramente significar que o Catolicismo é uma questão de raça ou de geografia, sem qualquer origem transcendente ou projecção prática!!! Não fazemos mais comentários.

Talvez para desculparem a imensidão da sua ignorância quanto à doutrina cristã e à história do Catolicismo, os signatários confessam càndidamente que não há «*qualquer contradição essencial entre o nosso ideário de democratas e a religião das nossas Mães*»...

Não nos parece elegante classificar a competência educadora das respeitáveis Mães de Suas Ex.as, mas estamos em crer que, nessas alturas, a catequese familiar deveria ter atravessado uma crise grave e muito para lamentar.

Por nosso lado, desejamos continuar perseverantes na fé de nossos Pais, tanto segundo a carne, como segundo o espírito, e, quanto a estes, desde Abraão a Leão XIII, Pio XII e João XXIII.

Os Candidatos da Oposição Democrática, felizmente, deram uma resposta clara e objectiva, definindo, sem qualquer hesitação, a sua atitude de Deputados sobre nove dos dez Princípios do ideário que lhes propusemos.

Mostraram a sua concordância teórica e deram-lhes imediatamente uma interpretação partidária e, por vezes, indubitàvelmente demagógica, que nos recusamos a admitir e a respeitar, considerando-a em absoluta divergência com os nobres objectivos da nossa intervenção.

Registamos apenas a concordância afirmada quanto aos nove primeiros Princípios e não podemos deixar de assinalar a rejeição do décimo Princípio que estava redigido nestes termos:

«10 — Uma verdadeira civilização humana não é possível *sem referência a Deus e sem regresso ao Evangelho de Cristo*, que ensina a ordem absoluta dos seres e dos fins, a hierarquia dos valores, o autêntico ideal de verdade, de justiça e de liberdade».

Não quiseram ter a coragem moral de negar directamente este Princípio que, por vir em último lugar, não é o último, mas o primeiro, pela universalidade da sua inesgotável projecção e pela vitalidade permanente do seu sempre actual dinamismo. Propondo a emenda que vinha redigida nestes termos: «*Uma verdadeira civilização humana só é possível com liberdade de credo e de culto religioso*», os Candidatos da Oposição Democrática esquecem funestamente que a liberdade religiosa só é possível numa sociedade que reconheça o poder criador de Deus e os valores divinos do Evangelho de Cristo, como o demonstram inequìvocamente o fanatismo dos povos da Antiguidade e a intolerância religiosa dos estados modernos que foram constituídos em bases ideológicas laicistas ou ateias.

O actual Papa João XXIII, na sua magistral encíclica «Mater et Magistra», ensina:

«*Tem-se afirmado que, na era dos triunfos da ciência e da técnica, os homens podem construir a sua civilização prescindindo de Deus. A verdade, porém, é que os próprios progressos científico-técnicos levantam problemas humanos de dimensões mundiais, que só se podem resolver à luz duma sincera e operante fé em Deus, princípio e fim do homem e do mundo.*»

Para dar a César o que é de César, é indispensável dar a Deus o que é de Deus.

Terminamos a nossa missão, depositando estes elementos informativos, que nos parecem de muito interesse, perante as consciências dos eleitores de Aveiro e esperando que, assim esclarecidos, possam cumprir o seu dever eleitoral com maior seriedade e civismo, de acordo com as sábias orientações do Venerando Episcopado Português.

aa) Pedro Grangeon Ribeiro Lopes *(dirigente bancário)*; Flausino Correia *(médico)*; Augusto Condesso *(advogado)*; Fernando Garcia *(professor)*; Gaspar Albino *(estudante universitário)*; Fernando Matias *(comerciante)*; Álvaro Magalhães *(empregado bancário)*.

Do Candidato Dr. Cardoso da Costa

Ex.mo Snr. Pedro Grangeon:

Dirijo-me a V. Ex.a como primeiro signatário da carta, datada de Aveiro em 27 de Outubro mas que só veio à minha mão em 30 do mesmo mês, na qual V. Ex.a e outros signatários me solicitam «uma declaração sobre a atitude que (eu) tomaria na Assembleia Nacional quanto à doutrina exposta» nos dez pontos enunciados na dita carta e os quais, por desnecessário, aqui não transcrevo.

A despeito da singularidade de tal solicitação mas antes movido pela consideração que me merecem os signatários da carta e muito especialmente V. Ex.a e bem ainda em atenção aos nobres intuitos que V. Ex.as proclamam ao dirigir-se, por aquela forma e naqueles termos, aos candidatos a deputados pelo nosso Distrito e, pois, a mim também, venho, em resposta à mesma, e sem curar de saber se ela coincide ou difere com a de quaisquer outros candidatos que hajam sido do mesmo modo consultados, dizer o seguinte:

Nada me repugna admitir que os princípios enunciados nos dez pontos da dita carta possam constituir «normas orientadoras» que representem «expressão **de** Direito Natural» ou mesmo «**de** recta razão»; mas já me custa admitir que os ditos princípios possam ser tidos e considerados, mesmo por V. Ex.as, como «**as** normas orientadoras» ou como «**a** expressão do Direito Natural» e «**da** recta razão», embora creia os ditos princípios «iluminados pelo fulgor sobrenatural da Revelação Cristã».

De mais, algum tanto na sua essência e muito na sua forma, penso que os princípios enunciados na carta de V. Ex.as nem sempre se ajustam ao que entendo dever considerar-se «Os Princípios Fundamentais da Doutrina Social e Cristã» tal como tem sido proclamada nas Encíclicas dos papas e os quais, tanto quanto me tem permitido a fragilidade da minha natureza humana, tenho procurado adoptar e tanto quanto possível servir.

A título de mero exemplo para ilustrar aquela afirmação (e vários outros se poderiam colher nos dez pontos enunciados) devo dizer que não me contento em atribuir à pessoa humana **apenas** a sua dignidade, a sua verdadeira liberdade e os seus direitos, **mas também os seus deveres.**

Mas, de qualquer modo — e isto só bastará, creio, para aquietar a consciência de V. Ex.as — permito-me lembrar que, ao aceitar a minha candidatura a Deputado pela União Nacional, implìcitamente aceitei e aderi ao somatório de princípios que informam a Constituição que nos rege e ao complexo de normas e pontos de doutrina que constituem a **ética** do chamado Estado Novo no conjunto dos quais por certo se inclui o essencial dos postulados enumerados na carta de V. Ex.as.

Por isso, e mesmo com relação ao dito enunciado, penso poder afirmar a V. Ex.as que, se acaso for eleito deputado, esforçar-me-ei por não dar azo a que V. Ex.as (ou outros possíveis eleitores em idêntica disposição de espírito) tenham que me censurar por menosprezar (ou por ter em menos consideração, como V. Ex.as dizem) «os princípios basilares do Cristianismo», os quais, como católico, estão na base da minha formação espiritual.

Queiram V. Ex.as aceitar a expressão dos meus respeitosos cumprimentos.

Feira, 8 de Novembro de 1961

Belchior Cardoso da Costa

Continuação da primeira página

respondência os mais completos cursos de Adónis de praia, temos de notòriamente concluir que a nossa época é uma época de microbarrigas.

Só a alta finança parece destoar da tendência geral...

Vem a propósito referir o «glucagon», cujas características notáveis acabam de ser descobertas por um grupo de ladinos cientistas. Trata-se de uma hormona extraída do pâncreas e de propriedades opostas às da insulina, pois faz subir o açúcar no sangue. Diminui o apetite e, consequentemente, reduz a ingestão de alimentos.

Num País como o nosso, em que a superabundância empolva os corações e empaturra os estômagos, será necessária a aplicação do glucagon? O português, habituado a um nível de vida excepcional, gozando ordenados principescos e trazendo sempre nas algibeiras o suficiente para comprar uma vitela, só mercê de uma força de vontade sobre-humana pode cumprir os programas de emagrecimento ditados pela moda. É evidentemente trágica a situação de um chefe de família que, rodeado de conforto, com o bolso estalando sob o premente volume da carteira inchada, tem de substituir as delícias da mesa pelo esforço da ginástica e a melancolia das dietas. Mas a tenacidade atávica da raça, velho apanágio dos Henriques e dos Gamas, subsiste nas Afrodites e nos Apolos-61, determinando uma renúncia compenetrada e total aos prazeres gastronómicos.

A microbarriga portuguesa é um facto, uma indesmentível realidade. Possuímos o treino da abastança. Conheço um fulano — o Zebedeu Valpaços — que ganha mil e quinhentos escudos mensais e tem para sustentar, apenas, a mulher e quatro filhos. Sobra-lhe, naturalmente, um ror de dinheiro. Não julguem, porém, que ele o desperdiça em omoletes de camarão e lagostas com molho verde. A casa de Zebedeu é um ginásio. Pratica-se a cultura física — halteres, paralelas, argolas, subida à corda, toda uma variedade de exercícios tendentes a promover a esbelteza dos Valpaços e a equilibrar o orçamento doméstico — o qual, se não fosse o custo das molas «Sandow's» e dos Bocks, dos espaldares e do trapézio, apresentaria inevitàvelmente um «superavit» escandaloso.

Ponham os olhos nisto, senhores do glucogan. É assim — passando fome e fazendo ginástica! — que satisfazemos a um tempo a dupla finalidade de manter a linha física e o equilíbrio orçamental. E quanto aos casos perdidos — essas desventuradas criaturas a quem a plebe ignara e maliciosa chama «os comedores» — resta-nos tão-sòmente lamentá-los e aguardar, com a mais cristã das paciências, que se cansem de comer.

Por enquanto, não há hormona que lhes modere o apetite...

Jorge Mendes Leal

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO DA PROVA

OS desfechos apurados no domingo provocaram sensíveis mexidas na tabela classificativa. No topo, e mercê do notável êxito da Académica sobre o Benfica, o Sporting—neste momento o único grupo que não foi derrotado — aumentou para dois pontos o seu avanço. Os vice-comandantes são, precisamente, os rapazes da Briosa...— que se libertaram da companhia dos campeões europeus, que derrotaram em Coimbra, e do Atlético, que teve de contentar-se com um empate no campo do Salgueiros.

De notar, ainda, que o Lusitano de Évora, ganhando na Covilhã, ascendeu ao terceiro posto, igualado pelos alcantarenses; e, ao mesmo tempo, no quinto lugar, postou-se agora o grupo de Os Belenenses, com os mesmos pontos do Benfica e do Olhanense.

O *team* algarvio cedeu novo empate no confronto com um dos «grandes» — desta feita o F. C. do Porto.

Os portistas comandam a segunda metade da tabela — mas pressente-se que o onze das Antas, que estreou oficialmente mais dois elementos, vai subir imenso...

Seguem-se, isolados, os barreirenses da C. U. F., bem batidos em Matosinhos, ante um Leixões que, com o seu primeiro êxito, pulou de último para décimo — completando os pontos que o Beira-Mar já possuia, antes da sua normal derrota no Restelo, e os pontos que o Salgueiros totalizou após o seu empate com o Atlético.

Finalmente, surgem o Covilhã — pois os serranos foram batidos, sensacionalmente, pelos alentejanos — ; e o Vitória, de Guimarães, que resistiu, de forma um tanto imprevista, no Estádio de Alvalade.

Resultados gerais:

Académica, 3 – Benfica, 1
Covilhã, 1 – Lusitano, 2
Olhanense, 1 — Porto, 1
Salgueiros, 1 – Atlético, 1
Leixões, 2 – C. U. F., 1
Sporting, 2 – Guimarães, 1
Belenenses, 4 – Beira-Mar, 1

DEPOIS da quinta jornada, os concorrentes ficaram assim escalonados na tabela de classificação geral:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	5	4	1	—	11-2	9
Académica	5	4	—	1	10-6	8
Lusitano	5	3	1	1	8-5	7
Atlético	5	3	1	1	12 8	7
Belenenses	5	2	2	1	12 6	6
Benfica	5	2	2	1	15-7	6
Olhanense	5	2	2	1	6-5	6
Porto	5	1	3	1	3-4	5
C. U. F.	5	2	—	3	7-10	4
Leixões	5	1	1	3	4-11	3
Beira-Mar	5	1	1	3	6-14	3
Salgueiros	5	1	1	3	4-12	3
Covilhã	5	—	2	3	4-7	2
Guimarães	5	—	1	4	5-10	1

DES POR TOS

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

Uma táctica que apressou uma derrota normal...

Belenenses, 4 — Beira-Mar, 1

Jogo em Lisboa, no Estádio Municipal do Restelo. Árbitro — António Virgílio Baptista. Fiscais de linha — Carlos Monteiro (bancada) e Sebastião Ferreira (peão).

BELENENSES — José Pereira; Rosendo, Pires e Castro; Cordeiro (ex-Oriental) e Vicente; Yaúca, Livinho (ex-Sporting de Braga), Matateu, Salvador (ex-C U. F.) e Estêvão.

BEIRA-MAR — Bastos; Evaristo, Liberal e Moreira; Amândio e Jurado; Miguel, Marçal, Diego, Paulino e Chaves.

●

Aos 9 minutos, Yaúca derivou para a extrema esquerda, daí tirando um centro atrasado. LIVINHO recolheu o esférico e rematou sobre a barreira defensiva beiramarense. A bola, desviada na sua trajectória por um *back* aveirense, iludiu Bastos e entrou na baliza.

Aos 13 m., a marca subiu para 2-0, em tento obtido, irregularmente, por ESTÊVÃO. O extremo esquerdo dos azuis de Belém, adiantado no terreno, na zona frontal, foi lançado por Salvador. Os beiramarenses contestaram a legalidade do golo, mas o árbitro não os atendeu.

Aos 49 m., Bastos — fora dos postes, e perto da linha de fundo — desviou mal um centro de Yaúca, novamente executado do lado esquerdo. Beneficiando do deslize do *keeper* aveirense e da pouca decisão com que os defesas o dobraram, LIVINHO teve apenas necesidade de empurrar a bola para além do risco final...

Aos 71 m., MATATEU com um remate sesgado, rente à relva, elevou a contagem para 4-0. Livre de oposição (Evaristo chegou a reclamar fora de jogo...), o famoso moçambicano atirou sem defesa.

Aos 85 m., o Beira-Mar alcançou o seu ponto de honra. Bem lançado em profundidade, DIEGO isolou-se e rematou sobre o *keeper* lisboeta, quando este saía dos postes.

●

O Belenenses era favorito, e acabou por ser um justo vencedor do prélio com o Beira-Mar. Os azuis conseguiram o resultado vitorioso que lhes importava alcançar, mas não se exibiram em nível que justifique elogiosas referências.

— E, isto, porquê?

— Por dois motivos, que a seguir exporemos.

●

A primeira razão residiu na felicidade e na facilidade com que, dentro ainda do quarto de hora inicial, o onze do Restelo chegou aos 2-0. Os jogadores do Belenenses, lògicamente, descansaram sobre a aludida vantagem e não mostraram grande interesse em ampliar o avanço. Limitaram-se a acautelar o seu último reduto (Vicente foi escalado para marcar Paulino) — aguardando uma possível reacção do Beira-Mar.

Essa reacção nunca surgiu, e assim ficou defraudada a expectativa de quantos pretendiam apreciar o onze de Aveiro.

●

A segunda razão pode situar-se, exactamente, na apagada e descolorida actuação do Beira-Mar —

Continua na página 6

O MELHOR EM CAMPO *Globalmente, não foi famosa, no domingo, a exibição do grupo ao Beira-Mar. E, mesmo individualmente, não houve, na turma negro-amarela, qualquer elemento que muito se evidenciasse. Entretanto, é justo relevar o esforçado trabalho do* back *EVARISTO, que foi um dos mais certos e pendulares beiramarenses no Estádio do Restelo.*

SPORTING CLUBE DE PORTUGAL

o próximo adversário do BEIRA-MAR

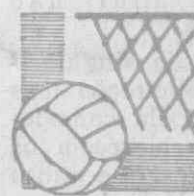
Tudo correu normalmente em Belém, no que diz respeito ao desfecho. Lògicamente, venceu o Belenenses, e venceu bem. Do que se passou naquele magnífico Estádio do Restelo, não deixou dúvidas a ninguém. Triunfou o melhor conjunto, mesmo sem ter realizado exibição convincente. Mas foi o mais forte, como mais forte que realmente é.

Apesar de tudo, não se esperaria que os aveirenses soçobrassem tão cedo e tão fàcilmente. O dispositivo táctico da equipa, com grandes preocupações defensivas no começo do jogo, deixava a esperança duma resistência firme e sólida, mas que afinal demorou nove minutos. E aos treze, com a marcação da segunda bola dos azuis, as dúvidas e as esperanças desapareceram. O plano não resultou, é certo, mas em grande parte a sorte também não quis nada com o Beira-Mar, pois o primeiro golo sofrido nasceu dum lance fortuito, o segundo foi quase uma consequência do primeiro, não concretizando os aveirenses duas soberanass ocasiões de marcar. O resto não teve história ..

Domingo próximo, será nosso adversário o Sporting Clube de Portugal, justo «leader» do campeonato. Possuidora dum conjunto de categoria, talvez a equipa em melhor forma no momento, ressalta nos «leões» o valor da sua excelente defesa, a menos batida e a mais forte do Nacional. Os seus avançados, nem sempre têm correspondido, como aconteceu no último domingo frente ao Guimarães. Mas, de qualquer modo, é nosso adversário um «team» que joga para o título, uma

Continua na página 6

BASQUETEBOL

Campeonato Distrital da I Divisão

Todas as equipas favoritas venceram — Galitos, em Estarreja, Sangalhos, em Águeda, e Illiabum, em Ílhavo, conseguiram êxitos por números substanciais; enquanto o Esgueira teve de satisfazer-se com uma vitória pela contagem gem mínima.

Houve, portanto, perfeita normalidade nos desfechos apurados — numa jornada de marcações bastante exíguas...

Amoníaco, 21 — Galitos, 35

Jogo em Estarreja, sob arbitragem dos srs. António Rino e Manuel Gonçalves.

AMONÍACO — Necos 6-2, Mário, Faria, Madureira 2 0, Arlindo 4-1, Guilherme 2-4, Eng.º Drumond e Benjamim.

GALITOS — Albertino, José Fino 4-5, Júlio 3-6, Artur Fino 2-4, Mendes 9 2 e Naia.

1.ª parte: 14-18. 2.ª parte: 7-17.

Os estarrejenses conseguiram 10 cestas de campo e converteram 1 lance livre em 6 tentativas (16,66 %), sendo castigados com 1 falta técnica e 10 faltas pessoais.

Os aveirenses alcançaram 14 cestas de campo e transformaram 7 lances livres em 12 tentados (58,33 %), sendo punidos com 7 faltas pessoais.

Recreio, 19 — Sangalhos, 30

Jogo em Águeda, sob arbitragem dos srs. Manuel Neves e Manuel Arroja.

RECREIO — Cunha 2 1, Rocha 2-0, Cruz 2 0, Eugénio 4 2, Vela, Massadas 0 4, Ramos, Nogueira, Santos 0-2 e Castro.

SANGALHOS — Feliciano, Amândio 0-2, Alberto 6-3, Valdemar 3-2, Rosa Novo 2-9, Almeida, Calvo, Afonso 0-3 e Carlos.

1.ª parte: 10 11. 2.ª parte: 9-19.

Os aguedenses conseguiram 8 cestas de campo e transformaram 3 lances livres em 10 tentadas (30 %), e foram punidos com 15 faltas pessoais.

Os sangalhenses alcançaram 10 cestas de campo e converteram 10 lances livres em 22 tentativas (45 45 %), sendo castigadas com 11 faltas pesseais.

Illiabum, 36 — Cucujães, 19

Jogo em Ílhavo, sob arbitragem dos srs. Albano Baptista e Manuel Bastos.

ILLIABUM — Cachim 2-4, Vinagre 4-4. Coelho 2-3, Elmano 4-7, Júlio Matias 5-1, Narsindo, Pessoa e Novo.

CUCUJÃES — Andrade, Moutinho 1-2, Silvestre, José António, Pinto 6 8, José Luis, Ramalhosa 2-0, Jorge e Costa.

1.ª parte: 17 9. 2.ª parte: 19-10.

Os ilhavenses somaram 16 cestas de

Continua na página 6